

PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA
(RECIFE)**

<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia>

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

A LÓGICA ESCALAR GLOBAL/LOCAL: O CASO DA EMPRESA MULTINACIONAL YAZAKI NO TERRITÓRIO DE IRATI-PR

Zaqueu Luiz Bobato¹, Alcemir Antonio Schlean Junior²

1 – Professor do Departamento de Geografia (DEGEO/I) da Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO, campus de Irati, PR, Brasil. Doutorando em Geografia na Universidade Federal do Paraná-UFPR. Email: zaqueudegeo@gmail.com

2 - Graduado em Geografia Licenciatura pela Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO, campus de Irati, PR, Brasil. Email: juniorschlean@hotmail.com

Artigo recebido em 10/06/2016 e aceito em 19/06/2016

RESUMO

O presente artigo aborda a partir do debate teórico acerca do global/local, o caso da empresa multinacional *Yazaki Autoparts do Brasil*, uma empresa japonesa que atua no ramo automotivo e que se instalou no município de Irati-Paraná no ano de 1997. Destaca-se que num primeiro momento, será questionado o porquê de a empresa ter escolhido Irati para se fixar. Outro ponto abordado, diz respeito ao impacto gerado pela empresa, se esta traz contribuições positivas ou negativas para o território. Enfatiza-se que a pesquisa foi realizada por meio de levantamento bibliográfico e estudo de caso com realização de entrevista.

Palavras-chave: Globalização; Multinacional; Território Local.

LOGIC SCALAR GLOBAL / LOCAL: THE CASE OF MULTINATIONAL COMPANY IN THE TERRITORY OF YAZAKI IRATI-PR

ABSTRACT

This article covers from the theory about the global / local debate, the case of the multinational company in Brazil *Autoparts Yazaki*, a Japanese company engaged in the automotive business and settled in the city of Irati, Paraná in 1997. It is noteworthy that in the first instance, be asked why the company had chosen to settle Irati. Another point that addresses concerns the impact generated by the company, if it brings positive or negative contributions to the territory. It is emphasized that the research was performed through a literature review and case study interviews.

Keywords: Globalization; Multinational; Local Territory

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas nos meios de trabalho, resultantes da globalização, vêm nos últimos anos produzindo modificações nos territórios locais em que se vive. A globalização da economia gera reconfigurações nas formas de organização da sociedade no espaço. Em meio ao processo globalizador, tem-se a escala geográfica de análise local, pois nela, os resultantes da lógica globalizante geram impactos tanto positivos, assim como, negativos.

A Indústria *Yazaki Auto Parts do Brasil* está situada no município de Irati no Estado do Paraná. Aponta-se que é comum presenciar nas falas advindas, sobretudo, do meio acadêmico, que a empresa agride o território municipal. É algo recorrente se deparar com pessoas afirmando que a lógica global da empresa gera impactos negativos no território do município, pois, muitos afirmam que indústrias multinacionais apenas sugam a mão de obra local na medida em que exigem grande empenho de seus colaboradores e uma baixa remuneração salarial.

A partir das colocações acima evidenciadas, o presente artigo contempla a seguinte problemática: em meio ao debate global/local, o território de Irati-Paraná ao sediar uma empresa multinacional, no caso a *Yazaki*, teria ou não reiterada importância? E a empresa multinacional *Yazaki* circunscrita em tal lógica escalar, geraria impactos positivos ou negativos no território local?

Com o intento de sanar os problemas apontados, os seguintes procedimentos metodológicos foram aplicados: pesquisa de campo, que para Godoy (1995, p. 17), “caracteriza-se como uma pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente com o exame detalhado de um ambiente, de um sujeito ou de uma situação em particular.” A pesquisa de campo visou conhecer de forma aproximada a realidade estudada, sendo que, nela utilizou-se da prática de entrevista junto ao representante do poder público municipal (responsável pela Secretaria de Indústria) e também junto ao responsável pelos trabalhos da empresa *Yazaki* no município de Irati. Aponta-se que foram entrevistados dez funcionários da empresa. A escolha destes dez funcionários deu-se aleatoriamente, ou seja, na medida em que iam chegando para o trabalho, convidou-os a responderem a entrevista. De acordo com Gil (2006, p. 117) pode-se definir entrevista como uma técnica em que:

O investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados

que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Quanto a entrevista, esta caracterizou-se como “estruturada”. Nas palavras de Gil (2006, p. 121) este tipo de técnica desenvolve-se a partir de “uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados (...)”. Destaca-se que este tipo de entrevista permite ser tabulada e quantificada, porém, para que isto ocorra é necessário que o pesquisador utilize da técnica de gravação ou de anotação manual. Esta última é que empregou-se para o tratamento dos dados colhidos durante as entrevistas nas pesquisas de campo que foram realizadas para a elaboração do presente artigo.

Aponta-se que a pesquisa deste artigo se caracteriza por ser um estudo de caso. Fonseca J. (2002, p. 33) afirma que um estudo de caso “visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico”.

Quanto à organização dos escritos, estes estão estruturados da seguinte forma: num primeiro momento, se discute o processo de globalização, sendo também estabelecida a reflexão em torno do debate global/local. Num segundo momento, é descrito os motivos que possibilitaram a indústria se fixar no município de Irati. Por fim, é abordado o impacto gerado pela multinacional *Yazaki*, e assim, se evidencia os pontos positivos e negativos gerados pela empresa no território municipal.

O DEBATE GLOBAL/LOCAL

Não é tarefa fácil conceituar o que é a globalização, pois, segue uma ordem internacional, a qual é definida por diversas extensões e terminologias. Nas afirmativas de Rodrigues (2000, p. 27):

A globalização é um fenômeno sem data de nascimento, sua presença pode ser admitida pela análise de todo um contexto. Em relação ao tema há pouca unanimidade, pois a polêmica se estende desde a nomenclatura mais adequada até a extensão deste processo.

A globalização pode ser vista como um processo de interação no qual, vários fatores se mesclam e se complementam. Também pode ser compreendida como um conjunto de transformações das diversas esferas, política, social, cultural e econômica.

Nas palavras de Almeida (2009, p. 02):

A globalização pode ser vista como representativa do chamado “espírito do capitalismo” – mas com ele não deve ser confundida – no sentido em que resulta de tendências históricas impessoais, que se combinam a mecanismos de mercado e de poder, fazendo com que os processos estruturais de dominação e de exploração, sempre presentes em qualquer época e sociedade, sejam eventualmente mobilizados em favor de determinadas forças políticas e sociais, que deles então tiram “vantagens”, em detrimento de outros grupos sociais, que ficam temporariamente com suas “desvantagens”.

Em outras palavras, a globalização é a estratégia de mercado encontrada por diferentes países para assim poderem interagir entre si e difundirem suas mercadorias nos mais diversos lugares no espaço. Segundo Magnoli (1997, p. 07) a globalização se iniciou com as grandes navegações. De acordo com o autor:

Globalização é o processo pelo qual o espaço mundial adquiriu unidade. O ponto de partida desse movimento remonta às Grandes Navegações europeias dos séculos XV e XVI, que conferiram unidade à aventura histórica dos povos e configuraram, na consciência dos homens, pela primeira vez, a imagem geográfica do planeta.

Sene (2003) ainda reforça essa teoria afirmando que as origens mais remotas da globalização datam o contexto das Grandes Navegações, quando iniciou-se a constituição da economia-mundo capitalista. Outro ponto a ser observado como início foi a partir da Revolução Industrial, pois, esse processo de revolução uniu o livre comércio, os lucros, a expansão de mercadorias e as tecnologias, dando vazão ao fluxo mundial em caráter constante e dinâmico.

Bobato (2011) esclarece que no século XV, os europeus viajavam pelos mares a fim de ligar Oriente e Ocidente, assim, nesse período histórico e geográfico, já se pode dizer que estão havendo indícios de globalização, é claro que em uma menor escala ao se comparar com o atual momento. No entanto, como adverte Bobato (2011, p. 03) pode-se dizer que:

de fato o processo da globalização vai se acentuar no final da década de 1990, com o fim da bipolaridade entre os Estados Unidos e a União Soviética, pois, neste período histórico e geográfico o meio técnico começa a se difundir para os mais diversos recantos do espaço geográfico.

Para Dantas e Moraes (2008, p. 10), “[...] entre os séculos XVIII e XIX, a ocorrência da I e da II Revolução Industrial constituíram-se novas etapas do processo de mundialização capitalista, caracterizadas pelo desenvolvimento dos trustes e cartéis e pelo imperialismo”. Assim como os demais segmentos de mercado, a globalização apresenta vantagens e

desvantagens. Bobato (2011) assinala que a globalização possui faces que abarca um lado bom, e, também um lado ruim. No que tange ao lado “bom”, Bobato (2011, p. 03-04) ressalta que:

O consumidor foi beneficiado, pois pode contar com produtos importados mais baratos e de melhor qualidade, também a internet, as telecomunicações permitiram um fluxo de troca de ideias e informações sem critérios na história da humanidade. Se antes uma pessoa estava limitada a imprensa local, agora ela mesma pode se tornar parte da imprensa e observar as tendências do mundo inteiro, tendo apenas como fator de limitação a barreira lingüística. Redes de TV e imprensa multimídia em geral também sofreram um grande impacto da globalização. Um país com imprensa livre hoje em dia pode ter acesso, algumas vezes por TV de assinatura ou satélite, a emissoras do mundo inteiro. O acesso instantâneo de tecnologias, principalmente novos medicamentos, novos equipamentos cirúrgicos e técnicas, aumento na produção de alimentos e barateamento no custo dos mesmos, tem causado nas últimas décadas um aumento generalizado da longevidade dos países emergentes e desenvolvidos (BOBATO, 2011, p. 03-04).

Porém, como adverte Bobato (2011) é necessário entender que não são todos que têm acesso ao lado bom da globalização, são muitas as pessoas no Brasil e no mundo que vivem em condições sub-humanas. Com este pensamento, Bobato (2011) evidencia questões negativas que se manifestam em meio à lógica globalizante. Segundo o autor:

a globalização comporta um lado bastante perverso, pois uma das grandes desvantagens dela é o desemprego. Muitas empresas aprenderam a produzir mais com menos gente, e para tal feito, elas usam novas tecnologias fazendo com que o trabalhador perca espaço. Além do mais, para os países ricos têm-se lucros crescentes, capital aumentado, suas empresas protegidas. Já às nações pobres, cabe abrir-se a importações, endividar-se, privatizar, desnacionalizar suas empresas e ficar com o desemprego. Como desvantagens pode-se afirmar que muitas vezes o país que detém maior quantidade de capital é que ficará com a maior fatia, restando pouca coisa para os países em desenvolvimento (BOBATO, 2011, p. 05).

Almeida (2009, p. 02) aponta que “a globalização é de fato responsável pelo aumento nos índices de concentração e de desigualdade na distribuição de renda, tanto entre países, como dentro dos países”. Um fator que deve ser elencado como desvantagem é o aproveitamento que as grandes empresas fazem do território de um dado país onde se instalam, já que exploram recursos e se aproveitam da mão de obra ali existente. Para Almeida (2009, p. 02):

Não se deve entoar loas à globalização ou argüir que ela é isenta de riscos e de efeitos nocivos para aqueles setores e grupos sociais eventualmente situados do lado “errado” do processo de destruição criadora que ela gera de modo inevitável e contínuo. Obviamente, ela potencializa ainda mais os desafios que normalmente estão associados aos fenômenos mais conhecidos — e longa data familiares aos economistas clássicos e modernos — da defasagem tecnológica, da competição desenfreada, da substituição de trabalho humano por processos produtivos poupadores de trabalho, da pressão constante sobre os salários derivada da incorporação de novos exércitos industriais de reserva.

Segundo Guerra (2004) com a globalização a ordem do modelo político, econômico e social de diversos países foi afetada. Nas palavras de Guerra (2004, p. 339):

As autoridades públicas dos países perderam, ou ao menos viram reduzida, a sua capacidade de influência na determinação do modelo político, social e econômico em suas respectivas nações. Em outras palavras, vivenciamos atualmente um fenecimento da figura político-social do Estado, o qual encontra limites ao regular os acontecimentos na complexa sociedade globalizada dos dias atuais.

Guerra (2004, p. 341), ainda afirma que “a substituição do direito estatal é, diante da globalização, cada vez mais verificável, seja através de acordos regionais ou através de substitutos que se situam hierarquicamente abaixo do próprio Estado”. Percebe-se que a globalização é um processo contínuo e extenso que pode influenciar sob vários aspectos a organização social no espaço geográfico.

Baseando-se em Santos (2002), compreende-se que mesmo que a globalização tenha atingido uma escala planetária, tornou-se evidente que esse processo também produziu desigualdades e acentuou as diferenças. De acordo com Santos (2002) a despeito da universalização das técnicas e do imperativo do meio técnico-científico-informacional, na atualidade, não há um espaço global, mas apenas espaços da globalização, ligados por redes.

Pela globalização, a interação mundial ampliou a sua dimensão e alterou a sociedade nos aspectos econômicos, culturais e políticos, e, isso tudo gera no pensamento das pessoas novas formas de ver o mundo e de se relacionar com ele. Sene (2003, p. 38) assegura que, “a globalização pode ser interpretada como a atual fase da expansão do capitalismo com impactos na economia, na política, na cultura e no espaço geográfico”.

É importante destacar que a globalização reforça o acréscimo de uma nova divisão transnacional de trabalho, de cultura, e, de produção. O que no princípio era apenas nacional toma outro rumo, o do transnacional, e, nessa *seara* o global. Assim, com o processo de globalização as empresas se vêem em um novo momento, no qual necessitam se adequar. Para Sene (2003, p. 40):

Em um ambiente de competição entre as grandes corporações multinacionais dos países industrializados, foram gerados diversos avanços tecnológicos na busca de maior competitividade, de menos custos de produção e consequentemente de maiores lucros no mercado internacional.

Nesse contexto abre-se o leque da industrialização, que além da manipulação e transformação dos recursos naturais e da utilização das tecnologias, a busca pelo lucro acaba sendo uma das metas primordiais. Tal busca pelo lucro possui estreita relação com o contexto no qual as indústrias estão localizadas. Nas palavras de Santos e Silveira (2008, p. 297):

Desse ponto de vista, cada lugar, como cada região, deve ser considerado um verdadeiro tecido no qual as condições locais de infraestrutura, recursos humanos, fiscalidade, organização sindical, força reivindicatória afastam ou atraem atividades em dado momento.

Algumas indústrias se instalam nos municípios pelas vantagens oferecidas, pelos incentivos fiscais, pelos pontos de localização estratégicos, como, proximidade a malhas rodoviárias, acesso a portos, aeroportos, ou mesmo, pela disponibilidade de mão-de-obra barata no território. Ainda nesse ínterim está à isenção de impostos, uma prática muito comum em diversos Estados e Municípios, que são empregadas para aliciar empresas que buscam “condições ideais” para se instalar. Para Pinho *et al* (1990, p. 36):

Os governos vêm implantando políticas de concessão de incentivos fiscais para desenvolver determinadas regiões. A concessão dos incentivos vem cumprindo seu papel de descentralização dos pólos industriais. O progresso das regiões incentivadas fiscalmente pode ser percebido pelo desenvolvimento das cidades, que se tornam centros de concorrência e progresso, criando-se novas possibilidades para o aprimoramento do bem-estar da

população em geral, em decorrência do processo de industrialização proporcionado pelos incentivos fiscais concedidos.

Desse modo, cada região quer se sobressair sobre as outras, e assim, acabam iniciando uma disputa acirrada para ver quem fica com a empresa, visando muitas vezes o favoritismo e a propulsão política. Ainda nas palavras de Santos e Silveira (2008, p. 296):

Do ponto de vista das empresas, o mais importante é a guerra que elas empreendem para fazer com que os lugares, isto é, os pontos onde desejam instalar-se ou permanecer, apresentem um conjunto de circunstâncias vantajosas do seu ponto de vista. Trata-se, na verdade, de uma busca de lugares produtivos.

Baseando-se nas ideias de Nascimento (2009), os aspectos positivos na implantação da indústria seriam a geração de empregos e renda, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) local, bem como, da receita tributária futura. Os principais ônus seriam os conflitos entre os entes federados e a perda de receita presente, que poderá não ser compensada no futuro, pois existe a possibilidade das empresas migrarem para outros Estados após o período de carência, sem a recuperação dos recursos aplicados pelo Estado.

Santos e Silveira (2008, p. 112), afirmam que, “as mudanças de localização de atividades industriais são às vezes precedidas de uma acirrada competição entre Estados e municípios pela instalação de novas fábricas e, mesmo pela transferência das já existentes.” Em meio a essa lógica territorial, o local é condição *sine qua non* para o sucesso das empresas. Para Fonseca A. (2004, p. 16), “neste mundo globalizado e homogêneo as localidades são pontos funcionais dos processos globais, e, sobrevivem aqueles que oferecem as melhores vantagens para diminuir os custos de transação e de produção das empresas”.

A EMPRESA YAZAKI NO TERRITÓRIO LOCAL DE IRATI-PR E SEU IMPACTO ECONÔMICO E SOCIAL

A globalização, da forma como foi acima abordada, está impondo reconfigurações nas lógicas de organização social, política, cultural e econômica no espaço geográfico. Neste contexto globalizado o território local se torna alvo de empresas que estão em franco desenvolvimento e querem nele se expandir e multiplicar. Nas palavras de Bobato (2012, p.52): “[...] o local vem sendo alvo de um jogo competitivo resultante das lógicas disseminadas pelos

processos da globalização, portanto, o debate que tem aflorado se tangencia pela complexa dualidade “global/local”.

Para ter uma melhor noção do debate em torno do global/local, faz-se importante ressaltar Santos (2002, p. 332), em que segundo ele:

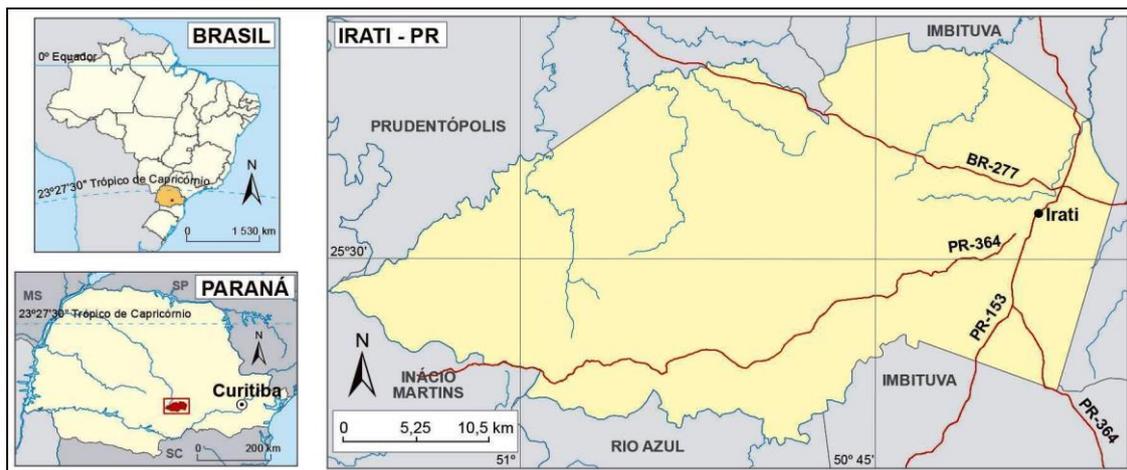
No plano global, as ações, mesmo “desterritorializadas”, constituem normas de uso dos sistemas localizados de objetos, enquanto no plano local, o território, em si mesmo, constitui uma norma para o exercício das ações. [...] A partir dessas duas ordens, se constituem, paralelamente, uma razão global e uma razão local que em cada lugar se superpõem e, num processo dialético, tanto se associam, quanto se contrariam. É nesse sentido que o lugar defronta o mundo, mas, também, o confronta, graças a sua própria ordem.

Com base no pensamento do autor acima destacado, acredita-se que os espaços tendem a ser divididos e reorientados, pois, muitas empresas quando vão se instalar nos municípios, acabam escolhendo os melhores locais para que a sua efetivação ocorra. Sendo assim, restam os “outros” locais que não são tão atrativos, e, estes geralmente destinam-se às pequenas empresas que em sua maioria pouco dispõem de reservas de capital. A partir do que foi exposto cabe acrescentar, segundo Fonseca A. (2004, p. 20), que:

Diante da abordagem globalizante a relação entre o global e o local é sempre unidirecional, na qual este último é funcional, submisso, executor e legitimador dos processos globais. (...), as abordagens globalizantes ao enfatizar o poder homogeneizador e competitivo da economia atual, tendem a interpretar os atuais protagonismos de muitos municípios e cidades como um localismo globalmente orquestrado, de “cima para baixo”.

Esclarece-se no que diz respeito ao território local (município de Irati-PR), no qual manifesta uma dinâmica global a partir da atuação da empresa *Yazaki*, este localiza-se na região sudeste do Estado do Paraná. Irati está distante a aproximadamente 156 km da Capital do Estado, Curitiba (IPARDES, 2013).

Mapa 01: Localização do território municipal de Irati-PR



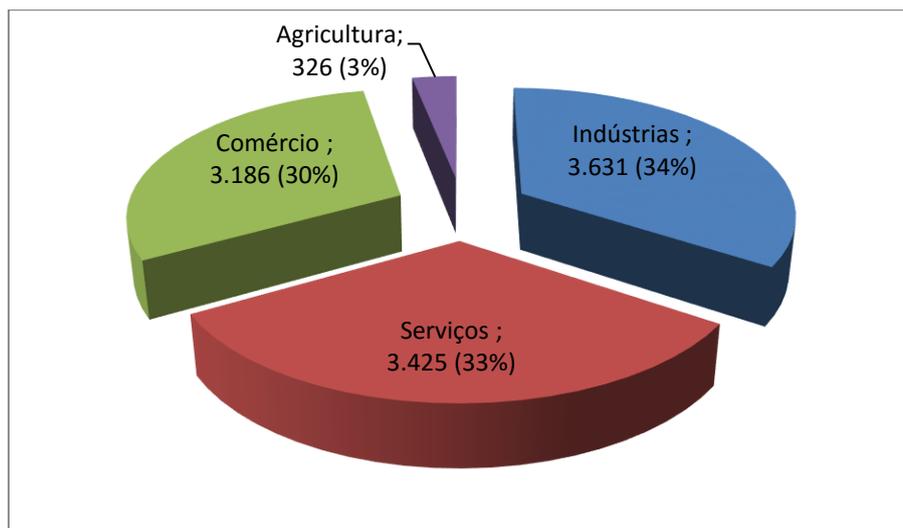
Elaboração: SILVA, J. M. F (2016).

Conforme dados censitários do IBGE (2010), a população iratiense está estimada em 56.207 pessoas, sendo 44.932 vivendo na área urbana e 11.275 na área rural, sendo que os cidadãos economicamente ativos somam 29.788 pessoas.

Segundo dados do Anuário estatístico do Iparde (2011), os setores econômicos existentes no município, e que foram geradores de empregos formais no ano de 2011, foram: o industrial que gerou 3.631 empregos, seguido pelo setor de serviços que gerou 3.425 empregos, após foi o comércio que gerou 3.186 empregos, e, a agricultura com 326 empregos formais (ver gráfico a seguir).

Elucida-se que o município de Irati sedia a multinacional *Yazaki Autoparts do Brasil*, empresa esta que fabrica chicotes elétricos para automóveis. Para Ross (2005, p. 250), “a expansão geográfica das multinacionais é um dos fatos mais importantes da economia capitalista depois da Segunda Guerra Mundial; entretanto a sua origem ocorreu no final do século XIX, com a formação dos monopólios capitalistas”.

Gráfico 01: Empregos formais, declarados na RAIS, segundo setores de atividade econômica e os municípios do Paraná – 2011



Fonte: Iparides, 2011. Elaboração: BOBATO e SCHLEAN JUNIOR (2013).

Destaca-se que as multinacionais na maioria das vezes exploram o que o país tem de melhor, sendo que muito pouco da riqueza gerada permanece no país. Muitas das empresas multinacionais procuram lugares onde os salários são mais baixos, contando também nesse contexto com incentivos municipais ou estaduais a que lhes são oferecidos. Nas palavras de Sassen (1998, *apud* FERREIRA 2009, p. 99):

As empresas têm buscado zonas de processamento das exportações que: são zonas situadas em países em que os salários são baixos, onde as empresas dos países desenvolvidos podem implantar fábricas para processar e/ou reunir componentes trazidos desses mesmos países e para eles reexportá-los. [...] o raciocínio básico que norteia essas zonas, é o acesso, a mão de obra barata, disponível para os estágios de intenso emprego no processo de produção da empresa. A isenção de impostos e padrões pouco exigentes quanto aos locais de trabalho nessas zonas, constituem incentivos adicionais.

A reflexão acima é o caso da multinacional *Yazaki* localizada em Irati, que no ano de 2013 contava com um número de 1.224 empregados. Ressalta-se que a empresa situa-se num bairro periférico do município de Irati (imagem 01) e apresenta uma rotatividade de empregados de 1,52% ao ano. As contratações de empregados oscilam muito, pois, quando a economia global está “aquecida” contrata-se, caso contrário, tem-se demissões, sendo, massiva em alguns momentos.

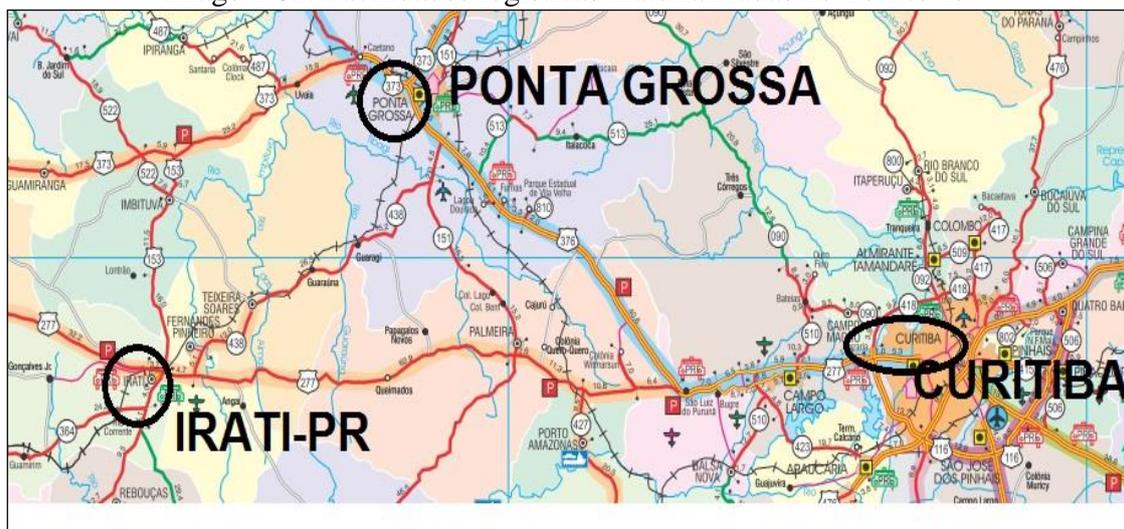
Imagem 01: Localização da empresa no território.



Fonte: Google earth, 2013. Organização: BOBATO e SCHLEAN JUNIOR (2013).

Em entrevista realizada na Prefeitura Municipal de Irati, obteve-se a informação de que a empresa para sua instalação recebeu apoio fiscal, tanto do município, quanto do Estado (isso no ano de 1997). Na entrevista realizada com o gerente da empresa no município, obteve-se a informação de que a escolha em se fixar em Irati ocorreu devido ao acesso a capital do Estado (156 Km de Curitiba), assim como, pela facilidade de escoamento dos produtos, já que o município se encontra bem localizado em meio a infraestrutura rodoviária, e, também por dispor de mão-de-obra fácil e de baixo custo.

Imagem 02: Facilidades logísticas materializadas no Território.



Fonte: Ipardes, 2010. Mapa Político Rodoviário. Adaptação: BOBATO e SCHLEAN JUNIOR (2013).

Enfatiza-se que foi constatado que a empresa gera impactos positivos no território na medida em que proporciona empregos para centenas de pessoas. Como foi possível verificar no

gráfico 01 é no segmento da indústria que se tem o maior número de empregos formais sendo gerados (3.631). Reitera-se que a empresa *yazaki* gerou no ano de 2013 um total de 1224 empregos formais dentro do território municipal, ou seja, 25% dos empregos proporcionados pelo setor industrial do município. Aponta-se que além de seu efetivo número de funcionários, a indústria ainda conta com vários empregos indiretos, com, por exemplo: prestadoras de serviços, transporte, restaurante e responsáveis pela limpeza da empresa.

É inegável que a indústria gera renda para várias famílias do município, e o efeito é difuso, dado o fato que os empregados empregam rotineiramente seus ganhos no comércio local. Cumpre evidenciar que a *Yazaki* é uma indústria que proporciona ao empregado receber um salário “alto” dentro da realidade do município de Irati. O salário pago pela empresa é de R\$ 1.210,00. Aponta-se que a empresa possui um programa interno que visa repassar aos funcionários uma porcentagem denominada de “Participação nos Lucros e Resultados- PLR”. O pagamento dessa PLR é realizado duas vezes ao ano, já as horas extras, estas são pagas mensalmente.

Com um salário base de R\$ 1.210,00 e com um efetivo de 1.224 funcionários, a empresa tem uma folha de pagamento mensal no valor de R\$ 1.481.040,00. Esse valor não leva em conta os empregos informais gerados pela mesma. De acordo com o responsável pelos trabalhos da empresa no município de Irati, de cada quatro carros que circulam pelas ruas, três deles, no mundo todo têm chicote elétrico que foi fabricado na *Yazaki*. Em Irati, a fabricação é destinada para Renault (Sandero, Logan, Mégane e o novo Duster), Nissan (Livina e Frontier) e Fiat (Novo Uno e Bravo). Para esses clientes são fabricados aproximadamente 850 chicotes completos (para todo carro) e 950 chicotes de motor.

Ainda de acordo com o gerente, os colaboradores da empresa têm inúmeros benefícios, como plano de saúde extensivo à família, seguro de vida, restaurante gratuito dentro da empresa, bolsas de estudos e idiomas, programa de participação nos resultados, acompanhamento das grávidas durante e após a gestação, transporte diário para ir e vir à empresa, entre outros. No entanto, como a lógica globalizadora também gera processos negativos, estes foram constatados na pesquisa, e, dizem respeito a questões que envolvem problemas de saúde. Estes problemas são relacionados a lesões devido ao esforço repetitivo feito cotidianamente pelos empregados, já que a empresa tem seu produto fabricado na linha de montagem.

Imagem 03: O processo Produtivo na linha de montagem.



Fonte. REDESUL (2013).

Segundo os empregados entrevistados para esta pesquisa, os problemas de saúde se agravam com o passar dos anos. Das dez pessoas entrevistadas, seis reclamaram de dores nas mãos, e, quatro, de dores nas costas. Nas palavras de Assunção (1995, p. 36), “as doenças do trabalho podem ser parcialmente causadas por condições de trabalho adversas; podem ser agravadas, aceleradas ou exacerbadas por exposições nos locais de trabalho; podem diminuir a capacidade laboral”.

Em entrevista realizada junto ao responsável pela empresa, obteve-se a resposta de que com relação à prevenção de lesões geradas pelo esforço repetitivo, a *Yazaki* adota um sistema que inclui intervalos na rotina produtiva a cada duas horas, seja através de paradas para as refeições, seja para a execução da ginástica laboral, que acontece em duas sessões por turno. O empregado também conta com uma sala de fisioterapia, inclusive com pilates e acupuntura. Ainda nesse âmbito, anualmente, a empresa organiza a Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Meio Ambiente, com palestras, concursos musicais e demais atividades diferenciadas a fim de envolver todos os funcionários.

Outro fator que chamou atenção na pesquisa, diz respeito as “fortes exigências” advindas dos líderes de produção dentro da *Yazaki*. Dos dez entrevistados, sete declararam sofrer pressão psicológica por parte de seus líderes que exigem alta produção, além de pressionarem para que façam horas extras.

Outro fator negativo evidenciado dá-se com relação ao horário de trabalho, principalmente quem inicia a jornada de trabalho às cinco da manhã e ainda precisam sair com os filhos para deixar no Centro de Educação Infantil e depois se dirigirem para o trabalho. Dos dez pesquisados, seis trabalham no turno das 5 horas da manhã às 14 horas e cinquenta minutos, e, quatro trabalham no segundo turno, das 14 horas e cinquenta minutos às 24 horas e trinta

minutos. Explicita-se que na Lei nº. 5.452/1943 (CLT), seção IV, artigo 73, parágrafo 2, é considerado como trabalho noturno aquele realizado entre às 22 horas de um dia até às 05 horas do dia seguinte, e, que a hora do trabalho noturno será computada como 52 minutos e 30 segundos, e sua remuneração será acrescida de, pelo menos, 20% à hora diurna.

No que diz respeito à alimentação ofertada pela empresa aos seus colaboradores, o responsável entrevistado afirmou ter uma nutricionista que cuida do cardápio, porém, dos dez colaboradores entrevistados, oito reclamaram da alimentação no que concerne a sua qualidade. Os colaboradores também evidenciaram que há necessidade de ser revisto o sistema de “bater o ponto”, pois eles, de forma unânime ressaltaram que não há relógios pontos suficientes, e, isso acarreta em muito tempo parados em filas, seja para bater o ponto, como, para se alimentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo preocupou-se em compreender a lógica global/local que envolve a atuação de grandes empresas multinacionais. Contudo, o foco central da pesquisa foi identificar o impacto, tanto pela via positiva, como, negativa produzida pela empresa *Yazaki Auto Parts* do Brasil, sobre o território local no qual está situada, no caso, o município de Irati-PR. Desse modo, pode-se constatar que imersa no processo globalizador, a empresa situa-se num bairro periférico do município, e, para se instalar no território municipal recebeu apoio fiscal.

Contatou-se que a empresa gera impactos positivos e negativos no território do município iratiense. O resultante duplo do processo gerado pelas lógicas da empresa *Yazaki* (positivo e negativo) é uma característica da dinâmica globalizadora. A *Yazaki* é uma importante indústria que gera emprego e renda no município, e como o território municipal de Irati carece de um parque industrial diversificado, essa empresa torna-se responsável por uma significativa fatia dos empregos diretos gerados no território.

Desta forma, compreende-se que, se a empresa deixar Irati, isso acarretará em situações desfavoráveis não só para os empregados, como também, para o município. No entanto, esclarece-se aqui que não se está fazendo apologia e nem defendendo as lógicas da empresa, pois, nesta pesquisa tem-se a dimensão de que a empresa também gera impactos de cunho negativo para as pessoas que nela trabalham, assim como, para o território. No entanto, enquanto não houver uma política pública sólida de fomento para micro, pequena e médias empresas (e isto não depende exclusivamente do município, mas sim, de todas as esferas de

governo: municipal, estadual e federal), que permitam a ampliação da oferta de empregos no território, a indústria *Yazaki* terá grande importância para a economia de Irati.

Nos estudos feitos para a realização deste artigo identificou-se que geralmente multinacionais possuem seus nomes relacionados como sendo “sugadoras do local onde se instalam”, no entanto, no caso da *Yazaki* nota-se haver, na atual circunstância econômica e social do território iratiense, inteirada importância não só para os empregados, mas também, para o comércio local. Isto, pelo fato de haver a circulação do dinheiro dos funcionários no comércio, o que gera um processo de renda difusa no município.

Por fim, compreendeu-se que a atuação da empresa globalizada *Yazaki* está intrinsecamente inserida na complexa lógica global/local que caracteriza a economia globalizada. Um fato concreto dessa lógica global/local que se manifesta no território municipal de Irati, diz respeito ao processo de dependência direta da empresa em âmbito global junto aos seus clientes (Renault, Nissan e Fiat). Quando a economia desaquece em um dado país que adquire os produtos produzidos na empresa com filial em Irati, tem-se profundas variações nas contratações e demissões da empresa no território local.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. R. de. A globalização e o desenvolvimento: vantagens e desvantagens de um processo indomável, (2009). Disponível em:
<http://www.achegas.net/numero/vinte/pralmeida_20.htm>. Acesso em mai/2013.

ASSUNÇÃO, A. Sistema músculo esquelético: lesões por esforços repetitivos. In:
MENDES, R. (org). Patologia do trabalho. Rio de Janeiro: Atheneu, 1995.

BOBATO, Z. L. A implementação das políticas públicas territoriais na perspectiva de Arranjos Produtivos Locais: um enfoque mediante a complexidade do APL de tricot de Imbituva-Pr. Dissertação (Mestrado em Geografia - Gestão do Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012. 200 f. Disponível em: <http://www.bicentede.uepg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=764>. Acesso em junho/2013.

_____. O processo de globalização e fragmentação do espaço geográfico. Revista virtual P@rtes, ano 2011. Disponível em:
<<http://www.partes.com.br/reflexao/processodeglobalizacao.asp>>. Acesso em: março/2013.

BRASIL. Consolidação das Leis do Trabalho. Decreto 5.452/1943. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm>. Acesso em set/2013.

DANTAS, E.; MORAIS. I. A dinâmica entre o global e o local na globalização. UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da UEPB - Universidade Estadual da Paraíba, 2008.

FERREIRA, S. C. Reorganização do espaço produtivo local a partir de multinacionais em Irati-PR. *Revista Caminhos de Geografia*, V. 10, N. 29 (2009). Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15808>>. Acesso em: maio/2013.

FONSECA, A. A. M. da. Localismo e território diante das dinâmicas globais. *RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico*, Ano VI, n 10, Julho de 2004. Salvador Bahia.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5ª ed. 7ª reimpressão. São Paulo, Atlas, 2006.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: Tipos Fundamentais. *RAE: Revista de Administração de Empresas*. Maio/Jun. 1995.

GUERRA, S. Soberania e globalização: O fim do Estado-Nação? In. SILVA, Roberto Luiz (Coord.). Soberania: antigos e novos paradigmas. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Paraná/Irati: censo 2010. Disponível em:

<[http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411070&search=parana alirati](http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411070&search=parana%20irati)>. Acesso em: abr/2013.

IPARDES. Instituto Paranaense de desenvolvimento Econômico e Social. Relação dos municípios do Estado ordenados segundo as mesorregiões e as microrregiões geográficas do IBGE – Paraná. Disponível em:

<[http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/relacao_mun_micros_mesos_parana.p df](http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/relacao_mun_micros_mesos_parana.pdf)>. Acesso em: out/2013.

_____ (2011). Anuário Estatístico do Estado do Paraná (2011). Disponível em: <http://www.ipardes.pr.gov.br/anuario_2011/index.html>. Acesso em: out/2013.

_____ (2010). Base física e política. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/mapa_politico_rodoviario_2010.pdf>. Acesso em: out/2013.

MAGNOLI, D. Globalização, Estado Nacional e Espaço Mundial. São Paulo: Moderna, 1997, p. 07.

NASCIMENTO, S. P. Guerra Fiscal: Uma análise quantitativa para Estados participantes e não participantes. *Revista Economia*, Brasília, mai/ago 2009. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/revista/vol10/vol10n2p211_237.pdf>. Acesso em out/2013.

PINHO, D. B. et al. Manual de Economia- São Paulo: Saraiva, 1990.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI-PR (2013). Disponível em: <<http://www.irati.pr.gov.br/>>. Acesso em out/2013.

REDESUL. Yazaki pode instalar filial da indústria em Imbituva. Disponível em: <<http://www.redesuldenoticias.com.br/home.asp?id=41784>>. Acesso em: março/2013.

RODRIGUES, M. A. Poder Constituinte Supranacional. Porto Alegre: Sérgio Fabris, 2000.

ROSS, J. (org.) Geografia do Brasil. São Paulo: USP, 2005.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI. 7ª ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2002.

SENE, E. Globalização e espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2003.